

## **Literatura infantil, teatro e educação: uma investigação sobre diálogos possíveis**

BÁRBARA EVANGELISTA VIEIRA PRUDÊNCIO

■ 470

Bárbara Evangelista Vieira Prudêncio possui qualificação profissional com formação inicial e continuada em Teatro de Animação, na modalidade Teatro de Sombras, pelo Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC (2017). É graduanda do curso de Licenciatura em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, na qual é bolsista de Iniciação Científica sob orientação da professora Doutora Heloise Baurich Vidor, desenvolvendo, dessa maneira, estudos e pesquisas nas áreas de Filosofia da Educação, Teatro e Educação e Pedagogia do Teatro, com ênfase no entrelaçamento entre Literatura Infantil, Leitura, Teatro e Educação. Durante a graduação participou/participa de diferentes espetáculos teatrais - entre eles, O Coro dos Maus Alunos, dirigido pelas professoras doutoras Barbara Biscaro e Heloise Baurich Vidor.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2620095030709063>

## ■ RESUMO

Neste artigo, discorro sobre os potenciais da literatura infantil no contexto da educação escolar; apresento algumas considerações a respeito da aproximação e da apropriação da referida literatura pela Pedagogia do Teatro e reflito sobre os aprendizados que a literatura para crianças pode oferecer à educação. Para tanto, relato a experiência que me motivou a escrever sobre este assunto e explico as perguntas norteadoras desta pesquisa. Tomo como principais referências artigos que resultaram do VI Seminário de Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária (UFSC) e do I Seminário Internacional de Literatura Infantil e Juvenil (UFSC), além de revisar estudos de teóricos como Heloíse Baurich Vidor, da Pedagogia do Teatro/Teatro e Educação, e Jorge Larrosa, da Filosofia da Educação. Concluo que, para além da importância de aprendermos formas de aproximação e de apropriação da literatura infantil pela Pedagogia do Teatro e pela Educação, é relevante nos atentarmos àquilo que, como educadores, podemos aprender com a literatura infantil: a atribuição de um olhar poético ao processo de ensino-aprendizagem.

## ■ PALAVRAS-CHAVE

Literatura para crianças, educação escolar, Pedagogia do Teatro.

471 ■

## ■ ABSTRACT

In the following paper, I look at the potential of children's literature in the context of school education; I present some considerations regarding the approach on and appropriation of said literature by Theatre Pedagogy and consider the learnings that children's literature may offer to education. In order to do so, I report the experience that motivated me to write on this subject and highlight the questions which guided my research. I mainly refer to works from the VI Seminário de Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária (UFSC) and the I Seminário Internacional de Literatura Infantil e Juvenil (UFSC), in addition to studies from theorists such as Heloíse Baurich Vidor, in Theatre Pedagogy/Dramatics and Education, and Jorge Larrosa, in Philosophy of Education. I come to the conclusion that, beyond the importance of learning ways in which to approach and appropriate children's literature within Theatre Pedagogy and Education, it is relevant to keep in mind that which, as educators, we may learn with children's literature: the attribution of a poetic look to the teaching-learning process.

## ■ KEYWORDS

Literature for children, school education, Theatre Pedagogy.

Entendo bem o sotaque das águas.  
Dou respeito às coisas desimportantes  
e aos seres desimportantes.  
Prezo insetos mais que aviões.  
Prezo a velocidade  
das tartarugas mais que a dos mísseis.  
Tenho em mim um atraso de nascença.  
Eu fui aparelhado  
para gostar de passarinhos.  
(Manoel de Barros)

## Do encantamento ou o ponto de partida

O eixo temático a partir do qual discorrerei neste trabalho, a literatura infantil no contexto da educação escolar, surgiu da minha breve experiência - a qual teve início em março de 2017 - em uma ação do projeto de pesquisa do qual faço parte – projeto este que busca investigar as possibilidades de aproximação e de apropriação da literatura pela educação, pelo teatro e pela pedagogia deste. A ação à qual me refiro se chama “Bibliotequinha” e consiste na criação e manutenção de uma pequena biblioteca de cerca de cem livros infantis e juvenis do acervo pessoal da professora doutora Heloíse Baurich Vidor - coordenadora do projeto. Sua proposta é disponibilizá-los em sua sala na universidade aos membros da comunidade acadêmica, para que estes possam utilizá-los em suas experiências como educadores - dentro e fora da Academia.

Como bolsista de Iniciação Científica do projeto, tive contato com os livros antes mesmo de eles se tornarem acervo da biblioteca. Se minha orientadora se sentia como uma mãe que deixa seus filhos na escola para o primeiro dia de aula de suas vidas, eu – do outro lado - sentia-me como uma babá de primeira viagem ou como uma professora de séries iniciais: pronta – ou nem tanto – para encarar sua primeira turma de quarenta – neste caso, setenta – “aluninhos”. Eu e meu colega, o outro bolsista do projeto, apaixonamo-nos por eles à primeira vista: além deles serem especialmente lindos, por sua delicadeza expressa em forma de ilustrações e palavras, na última vez em que havíamos entrado em contato tão direto com literatura para crianças, nós éramos as crianças.

À medida que eu catalogava os livros, descobria novos traços e histórias. Algo mais profundo do que a simples presença de palavras e imagens, no entanto, motivou-me a escrever sobre isto. Busquei, então, entender quais são as particularidades da literatura infantil que tanto me encantaram. Empiricamente, elegi algumas características dessa forma de comunicar, em uma primeira tentativa de responder a tal questão. São elas: a simplicidade profunda – ou a profundidade simples – através da qual são tecidas as narrativas; a importância atribuída à poesia, à metáfora e à sensorialidade; e o domínio de uma linguagem própria, composta de textos verbais e textos imagéticos - os quais, a meu ver, são eles mesmos narrativos. De um modo geral, penso que tais aspectos podem ser resumidos em dar vida às histórias sem que, para isso, seja preciso deixar o livro. Dito de outra forma, acredito que os livros voltados para o público infantil se utilizam de recursos próprios para despertar a participação ativa e a produ-

ção de sentidos por parte dos leitores, no simples ato de ler. Tomando essa afirmação como verdade, é possível pensar que o momento da leitura de um livro, mesmo em uma aula de teatro, torna-se uma experiência importante do processo educativo.

Partindo dessas primeiras impressões e a fim de investigá-las com rigor acadêmico, formulei as três seguintes perguntas, às quais buscarei responder ao longo deste artigo: qual o potencial da literatura infantil no contexto da educação escolar? Como a Pedagogia do Teatro pode se apropriar da literatura infantil e contribuir para tornar essa aproximação e essa apropriação do texto literário objeto de fruição? E, por último, o que a educação formal tem a aprender com a forma de comunicar da literatura infantil? Em busca de respostas para tais questões, recorrerei a diferentes referenciais teóricos.

### **Entre texto e leitor, a necessidade de experiência**

Antes de responder as perguntas acima mencionadas, no entanto, cabe, aqui, explicitar que não me refiro a qualquer manifestação da literatura infantil, mas, sim, a uma concepção específica da mesma - a qual explicarei a seguir. Para tanto, trago perspectivas de alguns autores a respeito de aspectos relacionados à infância e/ou à literatura. Como afirma Jilvania Lima dos Santos Bazzo,

473 ■

Na perspectiva de Jacqueline Held (1980), as crianças serão receptivas à literatura na medida em que se sentirem participantes e não estranhas, ou seja, não meras espectadoras passivas no/do processo criativo. Haverá avanços sempre que se sentirem e viverem a linguagem como um eterno e extraordinário movimento, não como um conjunto de estruturas invariáveis preexistentes (BAZZO, 2016, p. 115).

Já Roland Barthes (2006, p.20), traz a reflexão a respeito da diferença entre o texto de prazer e o texto de fruição. Para o autor, o primeiro é aquele que proporciona contentamento, preenchimento e pode ser relacionado a uma prática confortável da leitura. Além disso, é um texto que parte da cultura e não de uma tentativa de rompimento com ela. O segundo, por outro lado, acaba por ser justamente o contrário: provoca um sentimento de desconforto e coloca o leitor em um estado de perda - ou, até mesmo, de enfado. Nas palavras de Barthes, o texto de fruição “faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem” (BARTHES, 2006, p. 20).

Nelly Novaes Coelho, por sua vez, ao analisar a poesia escrita para crianças de ontem e de hoje, discorre:

Entre a poesia tradicional e a contemporânea, há uma diferença básica de intencionalidade: a primeira pretendia levar seu destinatário a *aprender* algo para ser imitado depois; a segunda pretende levá-lo a *descobrir* algo à sua volta e a *experimentar* novas vivências que, lúdica e, se incorporarem em seu desenvolvimento mental/ existencial (COELHO apud MICHELLI, 2016, p. 128).

Em diálogo com o que pensam os autores, quando dissertar acerca da literatura infantil no presente artigo, estarei me referindo a textos que propiciam ao leitor estabelecer, com eles, relações dialógicas, de troca mútua; que, mais do que lhe proporcionar prazer, sejam capazes de surpreendê-lo e desconcertá-lo, levando-o a questionar suas próprias certezas e encorajando-o a deslocar-se do lugar que, porventura, aprisiona-o sob um rótulo de segurança, em direção àquele que o acolhe em sua verdadeira insegurança. De um modo geral, farei, neste artigo, referência a uma literatura que incentiva o leitor a experimentar novos territórios da existência, mas que o leva a fazê-lo em seus próprios termos.

### **Sobre sensibilidade, poesia e metáfora: do potencial da literatura infantil no contexto da escola**

Para começar, então, a responder a primeira pergunta - a qual se refere ao potencial da literatura infantil no contexto da educação formal - trago a seguinte concepção de infância, escrita por Bazzo (2016):

[...] A infância, sem dúvida, é, em potência, a capacidade inventiva. São elas [as crianças] que, se garantidas as condições básicas, inventarão as histórias mais fantásticas, os dramas inimagináveis e as poesias mais desconcertantes. [...] As crianças, ao produzirem cultura, evidenciam a fonte inesgotável da ficção e da poesia: a imaginação humana (BAZZO, 2016, p. 115).

Se, em conformidade com o que afirma a pesquisadora, é na infância que o potencial imaginativo se encontra em seu estado mais fértil, acessível e espontâneo<sup>1</sup>, pode-se pensar que as instituições escolares e os professores de ensino básico devem dispor de metodologias que não apenas busquem compreender a lógica infantil, mas, sobretudo, respeitem esse modo de sentir e se relacionar com o mundo, reconheçam seu valor e busquem recordar-se da infância para poder dialogar com ela. Cabe destacar que a utilização da palavra recordar, aqui, refere-se à definição poética presente em “O livro dos abraços”: “Recordar: Do latim *re-cordis*, voltar a passar pelo coração” (GALEANO, 2015, p. 11)<sup>2</sup>. Nesse sentido, a literatura infantil, que esteja de acordo com a noção de literatura explicitada anteriormente, mostra-se uma importante aliada da formação, na medida em que se alimenta da sensibilidade da criança através de diferentes recursos poéticos – sejam eles verbais ou imagéticos. Aí reside, no meu entendimento, o primeiro potencial dessa forma literária no contexto da educação escolar.

Outra particularidade da literatura em questão, que trago como um segundo potencial, é a presença da poesia de maneira tão singular e patente. Tomemos,

<sup>1</sup> É importante explicitar que não busco reproduzir, aqui, uma concepção ingênua sobre a infância - refiro-me ao potencial inerente ao imaginário infantil, reconhecendo, entretanto, que o contexto familiar, social e cultural de cada indivíduo influencia significativamente na forma com que ele se relaciona com a própria subjetividade e, conseqüentemente, com seu potencial criativo.

<sup>2</sup> A significação poética atribuída por Galeano à palavra recordar está de acordo com a real etimologia da palavra, a qual pode ser conferida na plataforma on-line Dicionário Etimológico.

em primeiro lugar, algumas definições de poesia, para além daquelas que se referem à composição em versos. Segundo o dicionário on-line Michaelis (2017), poesia pode ser definida como “capacidade criadora; inspiração”; “caráter do que eleva a alma” e “o que faz o belo manifestar-se”. Já na plataforma on-line Dicio (2017), constam as seguintes designações: “característica do que se define pela beleza e pela sensibilidade” e “natureza do que é inspirador e comovente”. Na minha percepção, no entanto, soma-se a essas compreensões o fato de que poesia também pode ter a ver com olhar o mundo através de certa ludicidade e bom humor. Tramar histórias com poesia – da forma como são feitas as que estão nos livros infantis – é, portanto, ter um olhar inusitado para a mesmice; é ver o invisível e ter licença para, em um determinado tempo-espço, “não fazer sentido”; é levar a sério a brincadeira e fazer cócegas na seriedade; é contemplação em um mundo acelerado; dar cor, cheiro e textura às palavras; é ser criança, sem necessariamente ser.

No entanto, cabe a nós, futuros ou presentes professores de crianças e jovens, nos perguntarmos: qual é a importância da poesia, tal qual acabo de descrever, no contexto da educação escolar? Conforme afirma Regina Michelli (2016),

Incentivar o trabalho com poesia, especialmente em nossas salas de aula, por vezes áridas, é semear sensibilidades e visões críticas, alargando a interação humana, por meio do relacionamento afetivo, e a consciência reflexiva, caminho para a realização existencial. Existirá, por ventura, melhor ponte que a poesia? (MICHELLI, 2016, p. 125).

475 ■

E uma das formas – talvez a mais frequente - através da qual a poesia se apresenta no universo da literatura infantil é a utilização de metáforas. No artigo “Entre olhares e linguagens: a construção da metáfora na literatura e no cinema”, os pesquisadores Cristiano Camilo Lopes, Joana Marques Ribeiro e Juliana Pádua S. Medeiros (2016) discorrem acerca das metáforas visuais presentes em diferentes linguagens artísticas – entre elas, a literatura infantil. Nesta, segundo os autores, as metáforas visuais configuram-se por meio das ilustrações, ou seja, nos livros para crianças, servem como ferramentas produtoras de metáforas. Isso se dá, muitas vezes, no ato de personificar fenômenos da natureza como, por exemplo, a morte. Conforme afirmam os pesquisadores, “segundo Lakoff e Johnson (2002, p. 87), as metáforas, baseadas na personificação, garantem a compreensão de experiências relativas a [...] entidades não humanas em termos de motivações, características e atividades humanas.” (LOPES; RIBEIRO; MEDEIROS, 2016, p. 186). A importância dessa figura de linguagem no contexto da educação, dessa forma, reside em dar suporte para que as crianças possam compreender não somente fenômenos da natureza, mas também eventos históricos, estruturas sociais e situações das suas próprias vidas; e em criar um contexto ficcional, por meio do qual elas poderão processar determinadas informações do mundo real de forma lúdica. Os autores tratam da metáfora, pois, como uma compreensão poética da realidade. Aponto isso, portanto, como um terceiro potencial da literatura infantil para a educação formal.

### **A literatura e a leitura nas aulas de teatro e na escola (um exercício de humanidade)**

Exploradas algumas especificidades dessa forma de comunicar e, consequentemente, cumprida uma tentativa inicial de responder à primeira questão formulada, passarei à segunda pergunta, a qual diz respeito à aproximação e à apropriação da literatura infantil pela pedagogia do teatro. Para tanto, cabe, em primeiro lugar, refletir sobre o objetivo de abordá-la no ensino do teatro. Se rememorarmos os nossos próprios anos escolares, no tempo em que éramos alunos, teremos condições de afirmar que a literatura – pelo menos no Brasil – é abordada pela escola, somente ou majoritariamente, na disciplina de Língua Portuguesa. Com base nas minhas próprias experiências, posso dizer que essa abordagem se apoiava no exercício de análise e interpretação do texto – muitas vezes por meio do uso de fichas de leitura, as quais poderiam vir com o próprio livro –, além do estudo das correntes literárias. No âmbito da pedagogia do teatro, a aproximação e a apropriação da literatura infantil, sobre as quais venho discorrer e que estão de acordo com o que afirma Heloíse Baurich Vidor (2016), em contrapartida, preocupam-se mais em estimular o gosto pela leitura do que em proporcionar o controle ou o domínio do conteúdo daquilo que se lê – isso, contudo, talvez acabe acontecendo como consequência, sem que, para tal, seja preciso forçar um caminho sistematizado de aprendizagem. De acordo com essa lógica, está a afirmativa de Jorge Larrosa (2010, p. 140): “[...] a remessa do professor não significa dar a ler o que se deve ler, mas sim, 'dar a ler o que se deve: ler'”.

Vidor (2016, p. 222-225) descreve e analisa algumas de suas experiências com a aproximação e a apropriação do texto literário pela pedagogia do teatro. Lendo suas observações, tomamos conhecimento de algumas estratégias por ela conhecidas e/ou exploradas nas atividades de leitura compartilhada – em geral, jogos – das quais participou e/ou mediou. Uma dessas estratégias é ler em roda ou semicírculo, no qual, uma pessoa por vez, lerá uma parte do texto. Essa pessoa ficará em seu lugar inicial ou, se for de sua vontade, circulará entre os outros presentes, e, em seguida, passará o livro para o leitor seguinte. Outra estratégia é reforçar a potencializar elementos da narrativa na prática de leitura. Se o protagonista da história for cego, por exemplo, pode-se vendar os olhos dos participantes que não estiverem lendo – estimulando, assim, a apreensão do texto por meio da sensorialidade.

Dentre as considerações finais da autora, destaco as seguintes: é importante que o proponente da atividade sinta empatia pelo texto escolhido; no processo de escolha deste, é recomendável levar em conta a estrutura do texto (a quantidade de diálogos que ele contém, por exemplo) – em relação a isso, a pesquisadora afirma que o texto com muitos diálogos pode ser positivo no sentido de motivar os participantes a se arriscarem à dramatização da história e à caracterização dos personagens, mas, por outro lado, pode fazer com que se percam sutilezas cuja preservação costuma ser favorecida pela simples leitura das narrativas; o estabelecimento das regras do jogo deve servir para potencializar a narrativa, estimular a participação dos leitores e garantir a fluidez da atividade; por último, Vidor pondera:

Parece-me fundamental, igualmente, a escolha de textos que abordem temas polêmicos capazes de criar debate, gerar discussão, gerar co-moção e, ao mesmo tempo, contenham elementos inspiradores para pensar nas conjugações formais que possam potencializar seu caráter poético. Nesse sentido, o tema, a extensão, a complexidade formal/sintática/ léxica deve compor os critérios de escolha do texto, sem perder de vista o contexto em que será lido (VIDOR, 2016, p. 224).

Ainda em relação às propostas de aproximação e de apropriação do texto literário no contexto pedagógico, a autora aborda em sua pesquisa a perspectiva trazida por Larrosa (2010) em seu livro "Pedagogia Profana". Para o filósofo da educação, ler em grupo é "um dos jogos possíveis do ensinar e do aprender" (LARROSA, 2010, p. 139-140) e que implica o aprendizado da verdade, da amizade e da liberdade: da verdade porque seu intuito não é ensinar a habilidade de "ler bem", mas, sim, de ler verdadeiramente; da amizade porque passa necessariamente pela relação entre seres humanos e depende de seu funcionamento orgânico para que possa fluir; e, finalmente, da liberdade porque, antes ou simultaneamente a tudo, exige o amor e o respeito para consigo mesmo, a "auto-permissão" da experiência, o autorizar-se a viver o momento de leitura compartilhada, unicamente pelo valor de vivenciá-lo.

Tanto as afirmações de Larrosa (2010), quanto a pesquisa de Vidor (2016) caminham na mesma direção que a ideia, a qual expus anteriormente, a respeito de o ensino do teatro dever se preocupar mais em assegurar condições para que as crianças desenvolvam o gosto pela leitura, do que usá-la, simplistamente, como o meio pela qual elas apreenderão conteúdos escolares: os dois autores veem, nas práticas de leitura compartilhada, para além de mera atividade protocolar, um exercício de humanidade, no qual é dada aos participantes a oportunidade de exercitar sua capacidade de escuta, experimentar o compartilhamento da vida e o enriquecimento cultural - o qual é mais valioso quando coletivo.

### **Da poesia da matemática, da geografia e da linguagem: há quem repare em seu ser poético?**

Tendo investigado alguns potenciais da literatura infantil e formas de sua apropriação pelo ensino do teatro, parto, agora, para um ensaio de resposta à minha terceira e última questão: o que a educação escolar tem a aprender com a forma de comunicar da literatura infantil? Começo a partir do que trouxe anteriormente: esta, em alguma medida e de alguma forma, busca se situar no seio do universo das crianças, adaptando-se à sua lógica, à limitação das ferramentas de que elas dispõem para compreender a realidade, à sua capacidade expandida de sentir, à fluidez da sua imaginação e à sinceridade com que se relacionam com o mundo. Aqui é possível traçar um paralelo entre o espírito infantil e a arte - especialmente o teatro -: ambos se relacionam com o tempo-espaco de modo peculiar, pois saborear a experiência do agora - único fragmento de vida possível de ser vivido em cada instante - lhes é mais valioso do que tentar controlar um todo (passado, presente e futuro) mecânico e, por vezes, vazio. A sociedade ocidental capitalista em sua he-

gemonia, por outro lado, caminha no contra-fluxo do “jeito de viver infantil e artístico”. Como escreveu Walter Benjamin, já em 1933, “[f]icamos pobres. Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do 'atual'" (BENJAMIN, 1987, p. 4). A referida sociedade faz crescer, cada vez mais, espíritos apressados e ausentes. Nela, confere-se maior importância ao cumprimento de tarefas do que à disponibilidade verdadeira em lidar com o imprevisível. Nesse contexto, pode-se entender que, não por acaso, a arte é tão desvalorizada por tantos governos e, portanto, inacessível à maior parte da população. Inserida nesse complexo, está a educação. Em relação a isso, Carlos Drummond de Andrade, já em 1974, escreveu:

A escola enche o menino de matemática, de geografia, de linguagem, sem, via de regra, fazê-lo através da poesia da matemática, da geografia, da linguagem. A escola não repara em seu ser poético, não o atende em sua capacidade de viver poeticamente o conhecimento e o mundo (ANDRADE apud MICHELLI, 2016, p. 125).

■ 478

Aí, portanto, reside aquilo que a educação pode aprender com a forma de comunicar da literatura infantil: pensar a arte e a poesia como elementos intrínsecos a todas as áreas do conhecimento. E aqui é importante compreender que educar através da arte e da poesia não é, necessariamente, promover na escola atividades consideradas artísticas - como o desenho, a pintura, o teatro, o canto etc -, mas entendê-las (a arte e a poesia) como um olhar que pode ser proposto para o conhecimento, capaz de instigar a curiosidade dos educandos – perspectiva esta pertinente àqueles que se interessam em dialogar verdadeiramente com a infância, ou com o ser poeta que há em toda criança.

Penso que, quando não se nega à criança, ao longo dos anos escolares, espaço para a sua sensibilidade e criatividade existirem e se desenvolverem, previne-se a ocorrência de adultos engessados na lógica mecanizante - que mencionei anteriormente -, hegemônica em nossa sociedade. Nesse caso, deixar-se-ia de promover a perda de interesse pelo novo, pelo aprender e, conseqüentemente, pelo ler. Em geral, porém, o que acontece é o contrário: todos nós temos, em diferentes medidas, nossas crianças podadas ao longo da vida.

Da mesma forma, ao rememorar minha experiência pessoal, percebo que eu, também, me distanciei significativamente, ao longo dos anos, do meu olhar de criança para o mundo e, simultaneamente, do meu interesse espontâneo pela leitura. Nesse sentido, compreendo que a experiência com a “Bibliotequinha” me tocou de maneira tão especial porque seus livros foram capazes de conversar com essa criança adormecida, no meu interior, e sua sensibilidade aflorada. Conforme afirma Larrosa (2010):

A formação não é outra coisa senão o resultado entre determinado tipo de relação com um determinado tipo de palavra: uma relação constituinte, configuradora, aquela em que a palavra tem o poder de formar ou transformar a sensibilidade e o caráter do leitor. Às vezes para tirar-lhe da indeterminação da infância, do espírito de criança. E

às vezes, também, para dar ao seu espírito uma nova infância. Mas não como um apropriar-se da memória de sua origem ou como um recobrar sua indeterminação perdida, mas como um alcançar uma nova capacidade afirmativa e uma disponibilidade renovada para o jogo e para a invenção. O caminho na direção da criança de espírito não é nem re-memorização nem caminho de retorno, mas [...] uma cuidadosa renovação da palavra e uma tenaz pré-ocupação em dar forma às coisas da natureza e dos homens, em ler o mundo de outra maneira, da qual possa surgir um começar plenamente afirmativo, “formalmente selvagem” (LARROSA, 2010, p. 46).

Concluo, assim, que, de um modo geral, o que pude aprender de mais valioso com essa experiência e com esta pesquisa foi a confirmação da relevância de se preservar e estimular a presença do espírito infantil, ou a capacidade de poesia, na criança (e no adulto) para o gosto pela leitura - de livros e do mundo. Desse modo, penso que cabe a mim - futura professora de teatro - e aos demais estudantes, pesquisadores e professores da área do Teatro e Educação - ou somente da Educação -, não apenas explorarmos maneiras de nos aproximarmos e apropriarmos da literatura infantil em nossas práticas em sala de aula, mas, sobretudo, estarmos atentos àquilo que, com ela, podemos aprender. E, em relação a isso, talvez o mais importante seja a possibilidade de vestirmos um novo olhar no ofício de educar: um olhar dotado de imaginação e criatividade, atento à grandeza que pode estar contida na simples descoberta do mundo.

479 ■

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BAZZO, Jilvania Lima dos Santos. Literatura e infância: fruição ou pretexto? In: DEBUS, Eliane; JULIANO, Dilma Beatriz; BORTOLOTTI, Nelita. **Literatura infantil e juvenil**: do literário a outras manifestações estéticas. Tubarão: Copiart: Unisul, 2016.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BUSCA palavras: recordar. Disponível em: <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/busca/?q=recordar>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2015.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LOPES, Cristiano Camilo; RIBEIRO, Joana Marques; MEDEIROS, Juliana Pádua S. Entre olhares e linguagens: a construção da metáfora na literatura e no cinema. In: DEBUS, Eliane; JULIANO, Dilma Beatriz; BORTOLOTTI, Nelita. **Literatura infantil e juvenil**: do literário a outras manifestações estéticas. Tubarão: Copiart: Unisul, 2016.

MICHELLI, Regina. Pelas veredas da poesia. In: DEBUS, Eliane; JULIANO, Dilma Beatriz; BORTOLOTTTO, Nelita. **Literatura infantil e juvenil**: do literário a outras manifestações estéticas. Tubarão: Copiart: Unisul, 2016.

POESIA. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=poesia>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

SIGNIFICADO de poesia. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/poesia/>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

VIDOR, Heloíse Baurich. **Leitura e Teatro**: aproximação e apropriação do texto literário. São Paulo: Hucitec; Florianópolis: Fapesc, 2016.

Recebido em 02/01/2018 - Aprovado em 17/09/2019

Como citar:

Prudêncio, B. E. V. (2019). Literatura infantil, teatro e educação: uma investigação sobre diálogos possíveis. *OuvirOUver*, 15(2), 470-480. <https://doi.org/10.14393/OUV-v15n2a2019-41109>



A revista *ouvirOUver* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.